
A morte como símbolo: Análise das coberturas de Jornal Nacional e Jornal da Band a respeito da morte de Ricardo Boechat¹

Bibiana de Moraes DIAS²
Michele NEGRINI³
Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, RS

RESUMO

O objetivo deste artigo é analisar as coberturas de Jornal Nacional e Jornal da Band em relação à morte do jornalista Ricardo Boechat. Para isso, foram dispensados olhares sobre cada um dos telejornais e emissoras, e posteriormente foi feita uma análise conjunta das simbologias presentes neles. Tomamos como suporte teórico-metodológico a teoria do imaginário. E selecionamos como corpus as edições dos dois telejornais do dia 11 de fevereiro de 2019, data em que aconteceu o acidente de helicóptero que levou à morte de Boechat e do piloto Ronaldo Quattrucci. Com o trabalho foi possível perceber que a simbologia da morte esteve presente em ambos os telejornais através do sentimentalismo.

PALAVRAS-CHAVE: morte; imaginário; telejornalismo; Jornal Nacional; Jornal da Band.

INTRODUÇÃO

Vencedor de três prêmios Esso de Jornalismo, Ricardo Boechat foi um dos grandes nomes do jornalismo brasileiro. Em seu currículo, constam expoentes como o Globo, Jornal do Brasil e O Estado de São Paulo⁴. Ele também trabalhou no telejornalismo, com atuações marcantes no Bom Dia Brasil, da Rede Globo, e no Jornal da Band, do qual era âncora até o seu falecimento, no dia 11 de fevereiro deste ano, aos 66 anos de idade.

Em relação aos prêmios, de acordo com informações do Portal Terra, o primeiro Esso recebido por Boechat foi em 1989, pela realização de uma reportagem acerca de corrupção na empresa Petrobrás. Os outros dois foram em 1992 e em 2001. O de 1992 foi em nível de Informação Política. E o de 2001 na categoria de Informação Econômica⁵. O Terra ainda destaca que Ricardo também foi vencedor de outras condecorações, como um White Martins de Imprensa e nove Comunique-se (em 2007, em 2010 e em 2012,

¹ Trabalho apresentado na IJ01 – Jornalismo, da Intercom Júnior – XV Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Recém graduada em Jornalismo pela Universidade Federal de Pelotas, pós-graduada em Docência do Ensino Superior pela UNIDERP. Email: bibianamdias@gmail.com

³ Orientadora do trabalho. Professora da Universidade Federal de Pelotas. Email: mmnegrini@yahoo.com.br.

⁴ Fonte: <https://gente.ig.com.br/cultura/2019-02-11/ricardo-boechat-fotos-momentos.html>

⁵ Fonte: <https://www.terra.com.br/noticias/brasil/cidades/ricardo-boechat-acumulou-premios-em-quase-50-anos-de-carreira-relembre,27d16dd0d06a125a0d6cbe08e7a9a40cvzmeqr2z.html>

premiado na categoria âncora de TV; em 2006, em 2008 e em 2010, recebendo o prêmio como apresentador/âncora de rádio; e em 2008, em 2010 e em 2012, premiado como colunista de notícia).

Boechat começou a sua carreira no jornalismo no Diário de Notícias, ainda na década de 70. No decorrer dos anos, passou por outros veículos e, no ano de 1997, começou a trabalhar como comentarista do Bom Dia Brasil, da Rede Globo⁶. De acordo com o site Meio&Mensagem, em 1997, Boechat se consolidou na perspectiva do colunismo econômico e político. No âmbito do trabalho de comentarista, ele se caracterizou por suas opiniões fortes e contundentes. O site ainda aponta que Boechat saiu do Grupo Globo na virada do Milênio⁷.

Meio&Mensagem destaca que, em 2001, Boechat continuou trabalhando com colunismo político no Jornal do Brasil e que também foi, naquela época, colunista do Jornal do SBT. Como um bom colunista, Boechat teve êxito na demonstração de suas opiniões no desempenho do trabalho de apresentador do Jornal da Band, função que começou a exercer em 2006 e depois, passou a ser âncora na Band News FM⁸.

No grupo Bandeirantes, de acordo com o Ebiografia, Ricardo apresentava pela manhã um programa de rádio, na BandNews FM, e à noite apresentava o Jornal da Band para suprir as ausências de Carlos Nascimento, passando, com o tempo, a ser o âncora titular do programa até a sua morte. Na apresentação do Jornal da Band, Boechat marcou seu trabalho pela postura contundente e analítica frente aos fatos. Como em uma edição do Jornal da Band⁹, de janeiro deste ano, na qual o jornalista criticou Flávio Bolsonaro pela postura que teve no andamento do caso Coaf¹⁰. Em suas palavras, Boechat deixou nítida a sua opinião e teve uma postura forte, não poupando o filho do presidente da república e também político, Flávio Bolsonaro. Durante a dura crítica, o jornalista fez uma cobrança explícita ao filho do presidente: “Pessoas que não têm o que temer e não devem nada à lei, não temem, portanto, que depoimentos a autoridades possam se

⁶ Fonte: https://www.ebiografia.com/ricardo_boechat/

⁷ Fonte: <https://www.meioemensagem.com.br/home/midia/2019/02/11/reveja-a-trajetoria-do-jornalista-ricardo-boechat.html>.

⁸ Fonte: <https://www.terra.com.br/noticias/brasil/cidades/ricardo-boechat-acumulou-premios-em-quase-50-anos-de-carreira-relembre,27d16dd0d06a125a0d6cbe08e7a9a40cvzmeqr2z.html>

⁹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=94qQAmDhCzo>

¹⁰ O DCM explicou o caso: “Um relatório do Conselho de Controle de Atividades Financeiras (Coaf) identificou uma série de transações financeiras atípicas em contas de assessores de parlamentares, entre eles, o deputado estadual e senador eleito Flávio Bolsonaro (PSL), filho do presidente eleito Jair Bolsonaro (PSL)”. Disponível em: <https://www.diariodocentrodomundo.com.br/caso-coaf-entenda-a-investigacao-que-envolve-a-familia-bolsonaro/>

constituir em arapucas. O deputado e senador eleito está devendo uma explicação”. A trajetória de Boechat também foi marcada pela irreverência, sendo pertinente dizer que unia o bom humor com análises fortes e contundentes.

Com uma carreira jornalística consolidada e sendo o âncora de um dos principais telejornais o país, o Jornal da Band, Boechat, por ocasião de sua morte foi pauta nos mais diversos veículos de comunicação do país e ganhou destaque no espaço telejornalístico. Cabe apontar que o Jornal da Band do dia da morte foi perpassado pela emoção e que o Jornal Nacional – que é um dos principais concorrentes do Jornal da Band por audiência – deu amplo espaço para o assunto. Visualizamos a comunidade jornalística falando da perda de um de seus membros queridos.

No caso da cobertura do Jornal Nacional à morte, nos deparamos com o imaginário dos jornalistas da Globo e da própria emissora atuando na forma como se dá a cobertura da morte de um colega de profissão. O mesmo acontece também em relação à cobertura do Jornal da Band. Desta forma, temos como objetivo observar os símbolos manifestados em ambas as produções jornalísticas e perceber a que Regimes da Imagem (DURAND, 1993) filiam-se as reportagens em análise, de forma a pensar o perfil de cada uma das emissoras a partir também de suas aproximações e distanciamentos em relação à pauta em foco.

Entendemos que, com a observação de apenas uma edição de cada telejornal não é possível traçar algo próximo de um trajeto antropológico ou observar o perfil das emissoras como um todo, nem estes são as intenções do presente trabalho. Com a pesquisa aqui desenvolvida, buscaremos observar os sentidos presentes nas produções analisadas, a partir da temática da morte e dos símbolos ligados a ela e, assim, comparar as duas coberturas, sem a intenção de tomar as conclusões obtidas como norma padrão do perfil das emissoras em questão.

Ora, é notável a necessidade de buscarmos um olhar mais atento aos enunciados dos telejornais brasileiros e à comunicação como um todo, detendo-nos nos sentidos manifestados pelas simbologias presentes nas produções jornalísticas e que nos parecem invisíveis sem um olhar mais aprofundado. Desta forma, a fim de suprir e responder os anseios de pesquisa colocados acima, realizaremos uma análise das imagens (reportagens de vídeo) produzidas pelos dois principais telejornais das emissoras em questão: Band e Rede Globo.

Ao trabalharmos com as imagens e a influência destas fazem-se necessárias algumas conceituações, como a respeito daquilo que entendemos por imaginário, com base em Durand (1993), vemos o imaginário como um museu que abriga as imagens simbólicas. Ainda, Silva (2012, p. 11 e 12) elucida:

O imaginário é um reservatório/motor. Reservatório, agrega imagens, sentimentos, lembranças, experiências, visões do real que realizam o imaginado, leituras da vida e, através de um mecanismo individual/grupal, sedimenta um modo de ver, de ser, de agir, de sentir e de aspirar ao estar no mundo.

Os símbolos, tópicos essenciais e centrais de nosso trabalho, são entendidos como representações que designam algo até então ausente ou inacessível, com base em Durand (1993). O autor ainda ressalta a inadequação característica do símbolo e o seu caráter de redundância, de forma que uma representação só se torna símbolo através da repetição. É a fim de subdividir os símbolos pelas suas temáticas e tendo a chamada “equilíbrio” (Durand, 1997) como combustível, que surgem os Regimes da Imagem¹¹, divididos principalmente entre Regime Diurno e Regime Noturno, cada qual agrupando uma infinidade de símbolos com características bem definidas.

Perspectivas metodológicas

Para desenvolvermos as análises deste trabalho, a fim de compreender melhor os perfis de cada uma das emissoras através das imagens simbólicas manifestadas em suas produções, e com intenção de desvencilharmo-nos das perspectivas unicamente técnicas e objetivas, utilizaremos a metodologia do imaginário. Desta forma entramos em acordo com Leal e Lins (2017, p. 43), e:

entendemos que no jornalismo, os profissionais envolvidos na produção dos telejornais são atores sociais que compartilham um quadro de imagens, não apenas materiais, concretas, palpáveis e visíveis aos olhos, mas também constituídas de matéria subjetiva e povoadas por imagens, símbolos e mitos, elementos aparentemente distantes de uma lógica “objetiva”, tão difundida pela mídia como bandeira de isenção e credibilidade, mas que acreditamos poder influir diretamente no ângulo de produção e construção da notícia.

Ter o imaginário como o suporte teórico-metodológico deste trabalho nos abre portas para que pensemos a comunicação de uma forma diferente, a partir do caráter simbólico inerente a ela. Sobre isso, Barros (2018, p. 22) explica: “[...] por não constituir

¹¹ O Regime Diurno é caracterizado como masculino e heroico, com ideias de batalha, identidade e contradição. Já o Regime Noturno é feminino e místico, com imagens simbólicas ligadas aos sentimentos e à intimidade (PITTA, 1995).

uma propriedade empírica e estável, o simbólico não pode ser apreendido pelas metodologias centradas no trabalho racional sobre os dados”.

Assim, como passo inicial de nosso trabalho, assistiremos novamente as duas edições dos telejornais em questão, a fim de observá-las de maneira detalhada, com o objetivo de perceber os símbolos manifestados em cada uma das produções. Com esta percepção feita, buscaremos enquadrar cada símbolo de acordo com os Regimes da Imagem propostos por Durand, e assim compreender o perfil demonstrado pelas emissoras a partir destes símbolos.

É importante ressaltar ainda que estes passos não são estáticos e nem se darão linearmente, ao contrário, o processo metodológico do trabalho se dará justamente indo e vindo do *corpus* da pesquisa de forma que possamos observar da forma mais detalhada possível os símbolos manifestados pelas emissoras.

Perspectivas Analíticas

Como já citado, tomamos como corpus desta pesquisa as edições dos principais telejornais das emissoras Band e Rede Globo do dia 11 de fevereiro de 2019, data em que aconteceu o acidente de helicóptero que levou à morte do jornalista Ricardo Boechat e do piloto Ronaldo Quattrucci. O Jornal da Band veiculou matéria com duração de 4 minutos e 57 segundos e o Jornal Nacional, matéria de 6 minutos e 54 segundos. Em relação à estrutura, ao conteúdo veiculado e às informações trazidas pelos repórteres e entrevistados, os telejornais se assemelham muito, de forma que, como colocado acima, iremos nos deter aos detalhes destes e buscar as aproximações e os distanciamentos entre eles.

Percebemos a emoção presente em ambas as matérias supracitadas, trazendo a sensibilidade à tona, de forma que o tradicional (e de certa forma ultrapassado) conceito da objetividade jornalística acaba dividindo espaço com esta sensibilidade que aproxima e fideliza os espectadores com o telejornal e com os jornalistas.

Sabemos que a morte é uma temática delicada e que exige uma postura definida por parte dos telejornais, no entanto, percebe-se, nas produções contemporâneas e especificamente nas duas aqui em análise, uma exploração do sensível em relação à morte. É possível observar que tanto nos depoimentos feitos por pessoas que estavam próximas ao local, quanto nos áudios de fundo das imagens gravadas por pessoas que ali

passavam, o nervosismo e a ansiedade se fazem presentes, sentimentos típicos de uma situação que envolve morte, principalmente de forma trágica.

A morte designa o fim absoluto de qualquer coisa de positivo: um ser humano, um animal, uma planta, uma amizade, uma aliança, a paz, uma época. Não se fala na morte de uma tempestade, mas na morte de um dia belo. [...] Eurínoo figura a morte devastadora em um gênio infernal, cuja função é devorar a carne dos mortos e não deixar senão os seus ossos... pintando na cor* azul puxando o preto, como aquelas moscas que ficam em cima da carne; ele mostra os dentes e uma pele de abutre* se estende sobre a poltrona na qual está sentado (Pausânias, Descrição da Grécia, 10, 28-31).

É desta forma que Chevalier e Gheerbrant (2017, p. 621 e 622) trazem as características de parte da simbologia da morte. Ora, assim percebemos logo de início, sem ainda ter mergulhado a fundo na análise de cada telejornal, que a pauta por si só já é bastante tocante e delicada, e a forma como é conduzida pode ainda aumentar essa característica. A morte afeta as pessoas e a sociedade de uma forma específica, baseada na construção simbólica que nossa sociedade faz da morte, de sua posterioridade e dos detalhes misteriosos relacionados a ela.

No Jornal Nacional¹², da Rede Globo, o vídeo inicia com uma cabeça enunciada pela âncora Renata Vasconcellos, que introduz o assunto, relatando o que aconteceu, ao fundo do cenário podemos ver uma foto de Ricardo Boechat com semblante calmo e feliz. Renata veste camisa preta e tem expressão séria.

Na sequência, observamos um off falando sobre o momento do acidente, com imagens do local e fotos do jornalista, com áudio do jornalista Fábio Turci. O que vem a seguir é uma passagem de Fábio Turci no local da fatalidade, dando detalhes do acidente, o câmera dá zoom e foca nos destroços do helicóptero e do avião no meio da estrada. O off a seguir traz vídeos de redes sociais com foco no caminhão e dá informações sobre o motorista do veículo, que passava bem. O áudio original dos vídeos utilizados foi mantido, de maneira que é possível ouvir os comentários espantados feitos por quem gravou o acontecido.

A matéria segue em off relatando o que Ricardo Boechat havia feito no dia e quais eram suas programações. Nas imagens observamos passagens de Ricardo durante o trabalho. Fábio Turci dá enfoque para o perfil profissional do jornalista, evidenciando sua

¹² Disponível em: https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2019/02/11/ricardo-boechat-jornalista-morre-aos-66-anos-em-queda-de-helicoptero-em-sp.ghtml?fbclid=IwAR0_TZPGqnoEWOV7VUwyG85sbIVYybdRwk0L3YRk601njg7zUa7orwc4j38. Acesso em 14 de junho de 2019.

característica de cobrar providências das autoridades e órgãos competentes. Podemos ouvir trecho de reportagem feita por Ricardo, onde fala sobre Brumadinho.

A matéria tem sua sequência falando sobre o helicóptero em que o jornalista se encontrava e o trajeto feito, com imagens de helicóptero durante voo e um mapa mostrando qual era o ponto de partida e o de destino.

Aos 2 minutos e 26 segundos entra a entrevista com o Capitão Augusto de Paiva, da polícia rodoviária estadual, falando sobre o acidente e o que se tinha de informação até o momento. Em seguida, nota coberta sobre o local do acidente e então passagem de Fábio Turci sobre a atitude do caminhão no acidente. Depois, entrevista com o motorista Jonas dos Santos Lima, que mora perto do local do acidente e viu o momento em que o helicóptero caiu, o sujeito gesticula e parece ansioso, mas relata o que acontecia com a aeronave antes de cair.

Após, informações fornecidas pela ANAC são trazidas pelo jornalista enquanto aparecem evidenciadas na tela: a aeronave estava com o certificado de aeronavegabilidade válido e a inspeção anual de manutenção em dia, no entanto a empresa aérea não tinha permissão para realizar transporte remunerado de passageiros. A sequência se dá com off falando sobre o piloto do helicóptero, com fotos e vídeos do sujeito.

Na sequência, off sobre os especialistas que estiveram no local do acidente, o jornalista dá enfoque aos destroços, falando sobre uma parte do trem de pouso ao passo em que o câmera dá zoom na peça em pedaços na via. Então, a reportagem muda e traz rapidamente imagens e informações do motorista do caminhão no hospital. A entrevista que vem a seguir é com o delegado Luís Roberto Hellmaeister, garantindo que se tratou de um acidente dado por falha no helicóptero.

Por fim, em nota de pé, Renata traz informação de procedimento administrativo aberto pela ANAC, e evidencia que o piloto Ronaldo Quattrucci era sócio da empresa dona do helicóptero.

Então o telejornal volta de um possível intervalo e Renata chama o repórter Bruno Tavares, que entra ao vivo para falar sobre o acontecido, o jornalista traz informações sobre os velórios de Ricardo Boechat e Ronaldo Quattrucci. A nota é encerrada de maneira que apela aos sentimentos, trazendo impacto, com Bruno falando que a palavra que resumia a personalidade de Boechat, segundo amigos e familiares era “generosidade”.

Já o Jornal da Band¹³ tem seu início com Fábio Panuzzo fazendo a introdução da matéria, o jornalista tem a fala rápida e o semblante de seriedade, Fábio ressalta a importância da figura de Boechat para o jornalismo. Na sequência, entram vídeos de telespectadores, cobertos por comentários do jornalista, feitos através de nota coberta. São abordados temas como o pós-acidente, a estado da área do acidente e é dado enfoque especial no estado dos veículos (helicóptero e caminhão) após o ocorrido, o fato de os dois terem morrido carbonizados também é levantado.

Em seguida, em off, fala-se sobre o trajeto do helicóptero, em seguida entra passagem do jornalista Rodrigo Hidalgo falando sobre o que originou o acidente e como ele se deu. O capitão da Polícia Militar Rodoviária, Augusto de Paiva, é novamente entrevistado, falando sobre o ocorrido.

Na sequência, off falando sobre o horário da tragédia e destaque para a entrada ao vivo do jornalista José Luís Datena, uma hora após o ocorrido, em seu programa Brasil Urgente. É transmitida toda a entrada feita por Datena, que se mostra visivelmente abalado e emocionado com a morte de Boechat. A fala do jornalista é pausada, embargada, e traz relatos pessoais de momentos com Ricardo. Ao fundo de Datena, foto de Boechat.

Off sobre as condições do helicóptero e detalhes sobre a empresa, como aconteceu também na matéria analisada anteriormente. Entra entrevista com Miguel Rodeguero, diretor da Associação de Pilotos, falando sobre a manobra de autorrotação, feita pelo piloto do helicóptero em questão, e garantindo que a mesma é segura e treinada por todos os pilotos, o que corrobora com o ponto de que a tragédia de fato se tratou de um acidente. A matéria encerra com Miguel comentando que o tempo de vida do helicóptero não influencia em seu bom funcionamento.

Tendo realizado o detalhamento de cada uma das matérias torna-se mais eficiente o processo de análise de cada um dos telejornais em relação a temática e à simbologia da morte.

É possível observar que o caso foi tratado com clareza e respeito por ambas as emissoras, premissas essenciais do jornalismo. Fontes e imagens também se repetiram nas duas reportagens, fato que acreditamos ter se dado justamente por tratar-se de uma fatalidade, momento em que os jornalistas e as equipes dos telejornais como um todo

¹³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XoGs4gQpidY>. Acesso em 14 de junho de 2019.

procuram noticiar com rapidez e agilidade (além de que ambos os jornais trabalham com o sistema de *hard news*¹⁴), sem haver tempo para explorações de vieses diferentes e mais aprofundados.

Apesar de haver pouca diferença entre as duas coberturas, a partir de um primeiro olhar, pode-se observar uma presença maior de sentimentalismo e emoção no Jornal da Band, o que entendemos se dar pelo fato de que Ricardo Boechat era vinculado à emissora, e desta forma os jornalistas que estavam relatando o caso não estavam somente na posição de profissionais, mas também na de colegas que perderam um companheiro de profissão em uma tragédia. Esse sentimentalismo, ressaltado principalmente na fala de Datena vai aparecer também em outros momentos, como nas fotos de Boechat que aparecem ao longo da cobertura.

Ora, começamos as análises de fato trazendo a simbologia da morte para debate. Como supracitado, o encerramento da cobertura do Jornal Nacional traz a informação de que Boechat era conhecido por ser generoso. Entendemos que essa não é uma informação essencial para a compreensão do fato, logo, pelo critério de objetividade jornalística por exemplo, poderia ser deixada de lado. A escolha da emissora em trazer esse detalhe mostra algo mais profundo e sentimental (e assim, simbólico), do que a mera transmissão de informação característica do formato *hard news*. Evidenciar uma característica tão positiva quanto a generosidade, principalmente no encerramento da cobertura, tem o propósito de explorar a sentimentalidade e a compaixão do telespectador.

Essa exploração dos sentimentos potencializada pelos trechos de vídeo e fotos trazidos pelo jornal em que o jornalista vítima da tragédia aparece sorridente, feliz e tranquilo, trazem muitos significados em si. Observamos que se trata de uma colocação da vítima como alguém bom, positivo, que deixará saudades não apenas por seu trabalho e atuação profissional como também pela sua personalidade. Vemos que neste caso é explorada a morte não de uma maneira sombria e misteriosa, mas como um momento de passagem, de tristeza e saudade.

Ora, esta possibilidade de dualidade da exploração da morte como símbolo é abordada por Chevalier e Gheerbrant (2017, p. 621):

Enquanto símbolo, a morte é o aspecto perecível e destrutível da existência. Ela indica aquilo que desaparece na evolução irreversível das coisas: está ligada ao simbolismo da terra. Mas é também a introdutora aos mundos

¹⁴ Modelo de jornalismo conhecido por ser presente nos grandes telejornais, onde são dadas notícias logo após seu acontecimento e, em consequência disso, sem grande aprofundamento.

desconhecidos dos Infernos ou dos Paraísos; o que revela a sua ambivalência, como a da terra, e a aproximação, de certa forma, dos ritos de passagem.

A escolha das fotos utilizadas por ambas as emissoras para ilustrar a figura de Ricardo Boechat, como falado, são significativas e trabalham neste mesmo sentido. São elas:



Foto 1: Frame 00'03'' da reportagem do Jornal Nacional



Foto 2: Frame 00'18'' da reportagem do Jornal Nacional



Foto 3: Frame 01'22'' da reportagem do Jornal Nacional



Foto 4: Frame 05'27'' da reportagem do Jornal Nacional

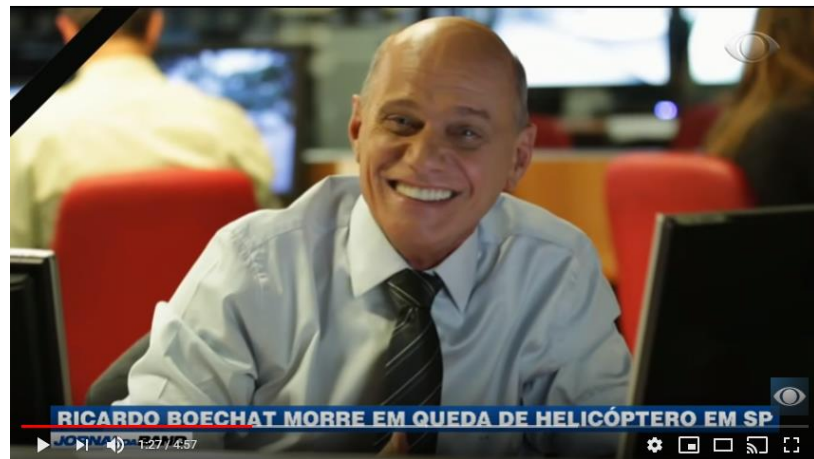


Foto 5: Frame 1'27'' do Jornal da Band



Foto 6: Frame 2'17'' do Jornal da Band

Podemos ver nas imagens que o semblante do jornalista é, em todas elas, de calma e serenidade. Sendo possível perceber assim, ainda mais a ideia do simbolismo da morte afastando-se da ideia de macabro e aproximando-se de ideias como a de ascensão do espírito: [a morte] liberta das forças negativas e regressivas, ela desmaterializa e libera as

forças de ascensão do espírito. Se ela é, por si mesma, filha da noite e irmã do sono, ela possui, como sua mãe e seu irmão, o poder de regenerar (CHEVALIER e GHEERBRANT, 2017, p. 621).

Assim, é importante ressaltar que o sentimentalismo e a dor, claramente presentes nos telejornais em análise, não são característicos de um medo da morte, do mistério, ou do desconhecido, mas se dirigem ao outro lado deste símbolo ambivalente: o da ausência que deixa saudade, mas que remete à uma passagem. A colocação da imagem de Boechat como alguém sereno, tranquilo, de alma generosa, corrobora com a ideia que Chevalier e Gheerbrant (2017) trazem de que se o sujeito vive no nível espiritual, com a morte lhe serão revelados os campos da luz.

Desta forma, é possível que compreendamos esta visão do símbolo da morte como relacionada ao Regime Noturno da Imagem. O sentimentalismo trazido pelos telejornais e a misticidade que acaba por ser abordada no âmbito imagético (e imaginário), nos levam em direção à feminilidade típica do regime noturno, que “vai se empenhar em fundir e harmonizar” (PITTA, 1995, p. 8).

Essa “descida interior em busca do conhecimento”, que segundo Pitta (1995, p. 8) caracteriza o regime noturno, apresenta-se nas coberturas analisadas a partir do que entendemos como estrutura mística, estrutura que busca a harmonia e a união através de “um certo gosto pela secreta intimidade” (PITTA, 1995, p. 8). Percebemos que a simbologia trazida pela morte nos casos analisados trata justamente dessa abordagem mais intimista e sentimental.

Ainda dentro do regime noturno da imagem, as reportagens analisadas trabalham com simbologias ligadas aos símbolos de inversão, que de acordo com Pitta (1995), tratam justamente de uma compreensão diferente para algo que podia ser visto como aterrorizante ou amedrontador, como a morte. Novamente, ressalta-se que neste caso a morte não é vista simplesmente como algo bom ou recompensador (como seria o caso dos símbolos da intimidade), mas ela perde a caracterização de medo ou mistério para dar lugar à sentimentalidade e à saudade.

Ora, com a realização das análises é possível que percebamos que tanto a Rede Globo quanto a Band trabalharam com a mesma abordagem ao se tratar da cobertura sobre a tragédia que resultou na morte de Ricardo Boechat. As duas emissoras mantiveram tom sóbrio e sem grandes alardes sensacionalistas, no entanto, foi possível perceber a emoção e a empatia nas falas e no posicionamento dos jornalistas.

É apenas com a análise da simbologia transmitida pelos telejornais através do símbolo da morte, e constatando que essa se encontra dentro do Regime Noturno da imagem que conseguimos compreender de fato a abordagem sentimental e empática dos jornalistas para com o colega vítima do acidente.

Considerações Finais

Para finalizar, cabe resgatar que a morte é uma temática de difícil abordagem e que mexe com sentimentos complexos do ser humano. Desta forma, o seu tratamento nos meios de comunicação é um assunto bastante delicado e que requer constantes reflexões por parte dos jornalistas.

No caso do falecimento de Ricardo Boechat, por se tratar de um conhecido jornalista no cenário brasileiro, com uma carreira consolidada em diversos veículos de comunicação, as emissoras de televisão deram amplo espaço ao caso. E por se tratar de um colega de profissão dos jornalistas, o tom de emoção ficou mais evidente.

Ao tratarmos da finitude humana, como falamos no texto, vale reiterar a importância de dispensarmos um olhar mais apurado para as veiculações e para os enunciados dispensados pelos meios de comunicação, os quais, muitas vezes, podem parecer invisíveis aos olhos do público. Cabe ao analista desvelar sentidos que, muitas vezes, parecem ocultos entre textos verbais e imagéticos.

Em relação às coberturas das duas emissoras, cabe resgatar que ambas trataram o caso com respeito e que fugiram de traços de sensacionalismo e de espetacularização, os quais se visualiza em muitos casos de morte. Foi possível visualizar a tentativa de explicação para a forma de ocorrência do acidente e para as causas de sua ocorrência. Como o Jornal da Band era a casa de Boechat, foi possível ver um tratamento mais repleto de emoções e de sensibilidade por parte da emissora.

REFERÊNCIAS

BARROS, Ana Taís Martins Portanova. Estudos do imaginário: a iniciação como método. **Imag (em) inário: imagens e imaginário na Comunicação. Porto Alegre: Imaginalis, 2018. P. 22-36, 2018.**

DCM. **Caso Coaf:** entenda a investigação que envolve a família Bolsonaro. Disponível em: <https://www.diariodocentrodomundo.com.br/caso-coaf-entenda-a-investigacao-que-envolve-a-familia-bolsonaro/>. Acesso em: 21 de maio de 2019.

DURAND, G. **A Imaginação Simbólica**. 6º. ed. Lisboa: Edições 70, 1993.

DURAND, G. **As estruturas antropológicas do imaginário**: introdução à arquetipologia geral. São Paulo: Martins Flores, 1997.

EBIOGRAFIA. Ricardo Boechat – jornalista brasileiro. Disponível em: https://www.ebiografia.com/ricardo_boechat/. Acesso em: 21 de maio de 2019.

IG. A vida e carreira de Ricardo Boechat em fotos. Disponível em: <https://gente.ig.com.br/cultura/2019-02-11/ricardo-boechat-fotos-momentos.html>. Acesso em: 21 de maio de 2019.

MEIO&MENSAGEM. **Reveja a trajetória do jornalista Ricardo Boechat**. Disponível em: <https://www.meioemensagem.com.br/home/midia/2019/02/11/reveja-a-trajetoria-do-jornalista-ricardo-boechat.html>. Acesso em: 21 de maio de 2019.

PITTA, Daniele Perin Rocha. **Iniciação à teoria do imaginário de Gilbert Durand**. Recife: UFPE, 1995.

SILVA, J. M. **As Tecnologias do Imaginário**. 3º. ed. Porto Alegre: Sulina, 2012.

TERRA. **Boechat acumulou prêmios em quase 50 anos de carreira**. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/brasil/cidades/ricardo-boechat-acumulou-premios-em-quase-50-anos-de-carreira-relembre,27d16dd0d06a125a0d6cbe08e7a9a40cvzmeqr2z.html>. Acesso em: 21 de maio de 2019.

YOUTUBE. **Jornal da Band**: Ricardo Boechat critica postura de Flávio Bolsonaro diante do caso Coaf. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=94qQAmdhCzo>. Acesso em: 21 de maio de 2019.